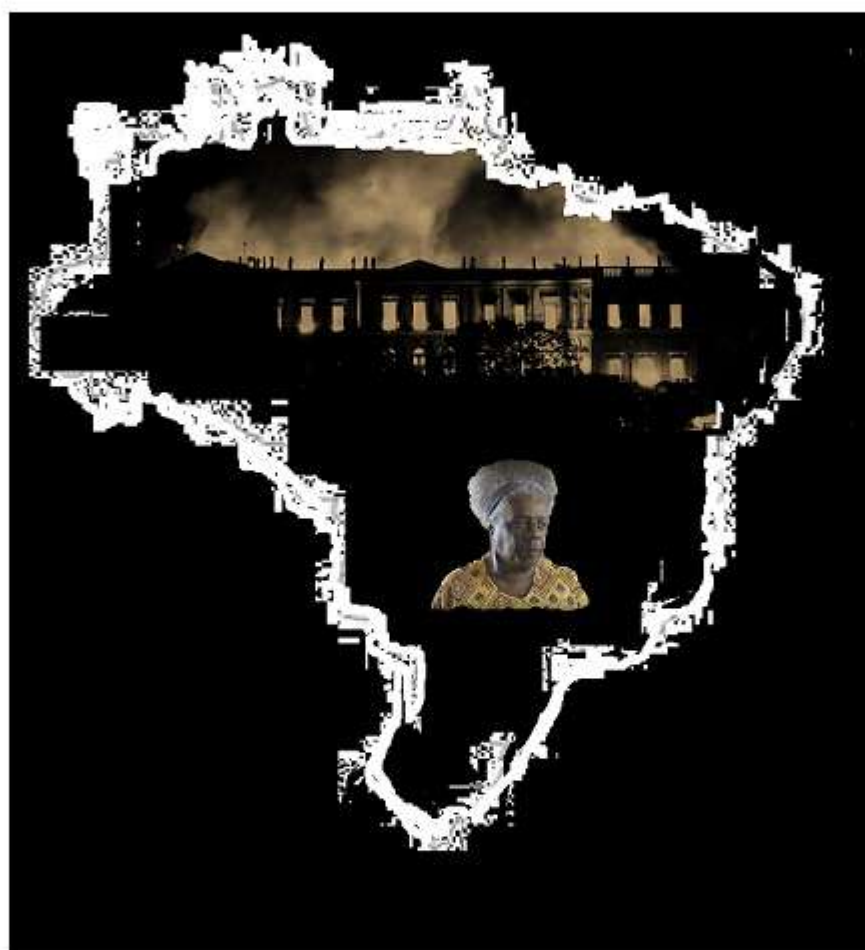


Revista Sarau Subúrbio

SETEMBRO 2018 - ANO 01 # 06



Subúrbio: renascendo todos os dias



EXPEDIENTE

Edição: Ano 01 - Nº 06 - Setembro de 2018

Periodicidade: mensal

Idioma: Português (Brasil)

Editores: Marcelo Bizar e Marco Trindade

Conselho editorial: Marcelo Bizar, Marco Trindade, Sônia Elã, Kátia Botelho

Secretária-geral: Sônia Elã

Revisão: a revisão dos textos é feita pelo próprio autor, não sofrendo alteração pela revista (a não ser tão-somente quanto à correção de erros materiais).

Diagramação: Marcelo Bizar

Capa: Marcelo Bizar e Marco Trindade

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da Internet, tendo optado o Conselho Editorial da revista por não identificar seus autores quando desconhecidos.

Contato: sarausuburbio@gmail.com, <https://sarausuburbio.wixsite.com/revista>.

Distribuição: A distribuição da Revista Sarau Subúrbio é online. Encontra-se em diversas plataformas da Internet. Em seu sítio:

<https://sarausuburbio.wixsite.com/revista>, e também: ISSUU, Calaméo, Sapoblogs e Recanto das Letras.

Notas importantes: A Revista Sarau Subúrbio é uma publicação totalmente gratuita, sem fins lucrativos. Não contamos com patrocínio de qualquer natureza.

Nosso objetivo, em linhas gerais, é servir de instrumento para que os artistas que não possuem espaço de divulgação nas mídias tradicionais possam apresentar seus trabalhos, nas mais variadas formas, seja na literatura, na música, no cinema, no teatro ou quaisquer outras vertentes artísticas, sempre de forma livre e independente.

Todos os direitos autorais estão reservados aos respectivos escritores que cederam seus textos apenas para divulgação através da Revista Sarau Subúrbio de forma gratuita, bem como a responsabilidade pelo conteúdo de cada texto é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.



EDITORIAL

O Samba clássico de Martinho da Vila, “Renascer das Cinzas”, lançado no álbum “Canta canta, minha gente – 1974” ilustra bem em seus versos, a necessidade que muitos de nós já sentimos, de renascermos ante grandes adversidades enfrentadas.

Mais do que nunca estamos sentindo na pele tal necessidade, embalados por todo o contexto político nacional, em especial por dois eventos de grande impacto para a nossa cultura, ocorridos no Rio de Janeiro recentemente, sobre os quais não poderíamos deixar de tecer estes breves comentários.

Em primeiro lugar, a eleição na “Casa de Machado de Assis”, onde na noite de 30 de agosto, os insígnies acadêmicos negaram o ingresso daquela que poderia ter sido a primeira escritora negra a ocupar uma das cadeiras da instituição centenária. A grande artista Conceição Evaristo, cuja obra e trajetória de vida são um legado e tanto para a cultura popular brasileira, foi derrotada em escrutínio secreto, tendo sido conferido a ela apenas um voto, um simbólico voto.

Em segundo lugar, também digno de nota e muita reflexão, o desastre que comoveu o país e foi manchete em diversos jornais do mundo: o incêndio no bicentenário Museu Nacional, localizado em São Cristóvão, coladinho em nossa amada Zona Norte. Com um acervo monumental, é considerado “um dos mais importantes museus e centros de pesquisa da América Latina nas áreas das Ciências Naturais e Antropológicas” *

Dois episódios que denotam cada qual com suas peculiaridades, a urgência de debatermos a importância que é atribuída à cultura popular em nosso país, de que forma se cuida de nossa memória, como tratamos a nossa história, que valor damos ao nosso patrimônio público, como lidamos com o racismo estrutural de uma classe dominante perversa...

Diante de tantas indagações, nos resta uma certeza, todos os dias precisamos renascer literalmente das cinzas.

*https://www.museunacional.ufrj.br/200_anos/projeto_atual.html



SUMÁRIO

- 02 - Expediente
- 03 - Editorial
- 04 - Sumário
- 05 - Homenagem à escritora Conceição Evaristo
- 06 - Fruta noturna
- 07 - Quinze anos do Centro Cultural Octávio Brandão
- 12 - O burro que zurrava em grego e discursava em alemão
- 16 - A casa
- 17 - Queimou o museu, queimou o Brasil
- 19 - Vai chover memória, mãe
- 21 - Rubricas de Dulka Samada - A escolha de Conceição Evaristo para Idhiman
- 24 - Comida de Pé-sujo
- 25 - Biblioteca Suburbana
- 25 - Discoteca Suburbana
- 26 - À luz de vela
- 27 - Temposição das Almas Íncubas - Texto 1º - O muro-dos-ladrilhos-cogniscíveis - Visão
- 31 - Quando tem que ser...
- 33 - Mariele liberdade
- 34 - 2022
- 36 - Fuligem
- 37 - O samba não tem fronteiras - Federação dos Blocos Carnavalescos do Estado do Rio de Janeiro
- 40 - Kherima, a múmia do Museu Nacional
- 42 - Um Lugar no Subúrbio
- 43 - Barbeiriho do Jacareziho, o Presidente
- 45 - "É que o povo não é convidado"
- 47 - Centenário da curiosa cura
- 48 - O museu que o descaso destruiu
- 50 - O Jogo de Búzios, a Matemática Computacional e o luto pelo Museu Nacional
- 54 - Subúrbio Interativo
- 56 - Blog do Tiziu



Homenagem à escritora Conceição Evaristo

Para a Revista Sarau Subúrbio, a grande escritora Conceição Evaristo vence de goleada qualquer disputa. Aqui vai nossa singela homenagem, com a reprodução de um dos mais belos poemas de sua obra. Que força feminina, moçada!

Eu-mulher

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo

Antes-agora-o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.



Fruta Noturna

Voz feminina madura.
Quente arrabalde.
Poesia com gosto de amor.

Luta, banzo, pavor.
Sangue, afeto, fervor.
Presença ancestral.
Lágrima, luto, ardor.

No meio da noite,
eu te persigo em silêncio.
No escuro do mundo,
eu te devoro por entre papéis,
me alimentando de vida com seus versos.

Me abraço contigo,
não sinto o perigo do mundo.
Seu colo negro me embala,
ouço um clamor que não cala,
é o subúrbio quem fala:

“A academia do povo
te recebe de braços abertos,
estimada mulher Conceição Evaristo”.

Marco Trindade



Quinze anos do Centro Cultural Octávio Brandão

Tudo começou em 2001, no sindicato dos Borracheiros, na rua Conde de Agrolongo, 748, Penha: uma espécie de videoclube, com exibição de filmes políticos, que traziam a militância cultural que agitava o Bloco do Rabugento, a Rádio Comunitária Bicuda, o Pré-vestibular Popular, o “Movimento dos Sem Mídia”, rodas de samba no boteco Papo de Esquina e o encontro de músicos e poetas na casa do Chico Pereira, todas estas atividades realizadas no bairro vizinho, Vila da Penha. Somava-se a essas atividades o armazém cultural na antiga fábrica do Curtume Carioca, na própria Penha .

A partir de 2003, com o fechamento da Rádio Comunitária e o fato de Chico Pereira não ter convencido o dono da casa a lhe vender o imóvel, foi necessária uma iniciativa para que não ocorresse a dispersão que se anunciava. A partir de conversas com a sambista Luísa Dionísio, foi cedido o espaço de fundos da sua casa, na Rua Engenheiro Pinho de Magalhães, 277, Vila da Penha quase chegando a Irajá, sub-bairro conhecido como Vila Rangel: surgia o Centro Cultural Octávio Brandão, no dia 20 de setembro de 2003. A atividade inaugural contou com as presenças da professora e antropóloga Luitgarde Oliveira (que tinha escrito um livro sobre Octávio Brandão), do professor Roberto "Che" Mansilla (também autor de um trabalho acadêmico sobre Octávio) e da filha de Octávio, Dioniza Brandão, com direito à "canja" da própria Luísa Dionísio, da cantora Giovana Farias (filha de Vital) e poemas de Júlio Vieira.

Por que Octávio Brandão e não Pixinguinha, um ilustre morador dos bairros da Leopoldina, perguntou-me um dia o genial sambista Luiz Carlos da Vila? Ora, Octávio, além de ter sido duramente perseguido pela polícia, preso 17 vezes pelo governo Vargas e como vereador duas vezes cassado pelo Estado Brasileiro, foi um poeta com livros publicados, seja na sua fase anarquista, seja na fase comunista. Conviveu com a psiquiatra Nise da Silveira, na chamada célula comunista do Curvelo (Santa Tereza). Foi escondido pelo grande poeta alagoano Jorge de Lima e, como escreveu Monteiro Lobato, a primazia de se afirmar que existia petróleo no Brasil, não cabia a ele e sim a Octávio Brandão. Além disso, nos curtos períodos em que conseguiu exercer o mandato de vereador (na segunda vez, inclusive, foi eleito com o apoio de João Saldanha), sempre lutou pela defesa da educação pública. Por fim, era uma forma de resgatar a história de um grande combatente comunista, que ficou muito tempo marginalizado dentro do seu próprio partido, o PCB.



Abrindo-se o ciclo de palestras e debates, os acadêmicos e historiadores João Amado e Mauro Marcos Conceição Farias vieram fazer exposição, respectivamente, sobre o Golpe de 1964 e sobre a "revolta da água" que acontecia na Bolívia. Em seguida, na virada de 2003, uma roda de sambas inéditos, patrocinada pelo compositor bancário Wanderley Monteiro, trouxe para o espaço os sambistas Luiz Carlos da Vila, Ratinho, Riko Dorileo, Marquinho China, Bira da Vila e Luiz Carlos Máximo. E o escritor, jornalista e ex-diretor do SINDJUSTIÇA, Orlando Oliveira, premiado em concurso na República do Panamá, lançou no CCOB o seu livro "Linguagem do Morro e outros contos". Presença também importante do museólogo Luís Antônio Gonzaga para falar da Revolta da Vacina

Mas, em final de 2004, a cantora Luísa Dionísio teve que vender a sua casa e o Centro Cultural passou a funcionar, provisoriamente, na Rua Carvalho Moutinho, 152, no terraço da casa dos sócios Néelson Marques e Lúcia Trevisan, por dois anos. Bem perto da antiga casa do Pixinguinha. Lá, foram realizadas diversas atividades, em parceria com o Bloco do Rabugento, com a presença do Movimento Cultural Cozinha Carioca (alguns sambistas deste movimento iriam dar origem ao grupo de samba "Galocantô"). Também foi feita a 1ª palestra sobre Cuba com o historiador e economista Luís Frederico Barreto, que tinha visitado o país. Até que em final de 2006, o Centro Cultural conseguiu alugar novamente um espaço próprio, um galpão na rua Miguel Ângelo, 120, Maria da Graça, onde tinha funcionado uma tornearia terceirizada da antiga fábrica da General Eletric, se legalizando, simultaneamente. E, de lá para cá, o CCOB não parou mais de funcionar: várias rodas de samba, começando pelo Grupo Família, com a presença nobre de Luiz Carlos da Vila; depois por Bira da Vila e pelo grupo feminino Negras Raízes, seguido pelo Grupo Cultural Exaltação ao Samba-Enredo e pelo saudoso Barbeirinho, presidente da Unidos do Jacarezinho, com o Grupo "Serelepe". Na última delas organizada pelo sambista gravado por Bezerra da Silva e Zeca Pagodinho, o professor Geovane Santos da Fonseca, diretor do SEPE, fez uma saudação ao dia da Consciência Negra de 2016. Cantores "sem mídia" como Gílson Coelho, Jonas Ribbas, Jorginho - este com o seu repertório sobre Taiguara -, André Henriques, Edinho do Samba e Chiquinho do Cavaco se fizeram presentes, assim como o saudoso poeta, jornalista, compositor Manoel, o Audaz, lançando o seu CD "demo". Marcaram também presença em Maria da Graça a cantora Luísa Dionísio e o cantor de "brega de raiz" Edson Frank. E teve roda de choro, organizada pela sócia Claudia Barros, comandada por Walter Sete Cordas, da segunda formação do Fundo de Quintal. Até o integrante da Velha Guarda do Império Serrano, Ivan Milanez e a banda do Bloco da Ceguinha, comandada por Sérgio Genovêncio, ex-Orquestra Voadora e Embaixadores da Folia, "bateram ponto" no CCOB, nos aniversários dos coordenadores do centro, Ernani, Haroldo e Rodrigo.



Livros de poetas como "Papo de som com amigos na esquina, Poemas e Canções", cujos organizadores foram Sérgio do Carmo e Kokito - com "canja" dos membros do grupo Cambada Mineira, Amarildo Silva e Rodrigo Santiago e o "Grito dos Poetas Descalços" do escritor Marco Trindade e de Tiago Corrêa Damato lá foram lançados. Esta última obra com ilustrações de Marco Souza, que também fez a sua exposição no espaço, tempos depois.

Já a festa junina, organizada pela serventuária Bia Manssour passou a ser tradicional com o seu bingo "histórico". Assim, como o torneio de botão, no final de cada ano, com destaque para os "craques" o fabricante de botões Leandro Galalite, com o servidor e jornalista André Luís David D' Araújo, o professor Alessandro Baptista "Danoninho", o servidor Marco Dantas e o jornalista Hércio Duarte. Ah! E falando em Hércio Duarte, a exibição de "curta" ainda inédito dele, de Bruno Bacellar e Luis Fernando Couto sobre o saudoso sambista Walter Alfaiate, "Walter pelo avesso".

Além disso, o Centro Cultural, mais do que a exibição dos vídeos culturais e políticos, fez um pré-concursos com o professor Vílson Siqueira. E seguiu dando continuidade as suas palestras e debates em Maria da Graça. Com um tema internacional como: Cuba (novamente com Luís Frederico Barreto); Venezuela (com o ex-presidente do sindicato dos bancários e advogado Ivan Pinheiro); Colômbia (com a ex-diretora do sindicato dos bancários Maristela Rosângela dos Santos); Grécia (com o professor Heitor César); Palestina, Síria, Oriente Médio (com o professor-doutor Ramez Maalouf); o massacre de professores feito pelo Estado mexicano em Oaxaca em 2016 (com o professor Dante e a estudante mexicana Magda) e o movimento pelo separatismo da Catalunha (com a ex-presidente do sindicato dos bancários Glória Vargas e o bancário Júlio Vieira).

"Rolou" também tema histórico como: a vida do casal Octávio Brandão e Laura Brandão na URSS na II Guerra Mundial, quando foi expulso o invasor nazista (com Dona Dioniza Brandão); o assassinato do empresário financiador da tortura, Henning Boillesen, os algozes Cabo Anselmo e Sérgio Paranhos Fleury e a luta armada (com Carlos Eugênio Paz Coelho Sarmiento, o Comandante Clemente da antiga ALN); a biografia do ex-deputado Carlos Marighella, fundador da ALN (com o autor, o jornalista Mauro Magalhães); Trotsky e o México, duas revoluções no século XX (com Luís Frederico Barreto); o sequestro do avião Caravelle em 1970 (com Colombo Vieira e Fernando Palha da ALN); os Militares e o Golpe de 1964 (com o general Bolívar Meirelles); o assalto ao IPERJ em 1969 (com Sérgio Granja também da ALN), o livro "História da Formação da Arte do Saber Cuidar Africano no Rio de Janeiro", 1870-1920 (com o professor Júlio César Condaque Soares).



E ganharam espaço temas teóricos como: o livro sobre o jurista soviético Piotr Stutchka (com o advogado da OAB/RJ Aderson Bussinger); Rosa Luxemburgo e a Revolução Russa (com o professor Roberto "Che" Mansilla); a fragmentação do trotskismo no Pós Guerra (com o acadêmico Márcio Lauria Machado); o centenário da Revolução Russa (com o servidor paulista Massaru Uematu, junto com Júlio Anselmo, os professores Muniz Ferreira, Luís Fernando Rodrigues de Carvalho Rodrigues, Luís César Nunes, o bancário André Lavinhas e o petroleiro Clausmar); as contribuições do marxista húngaro Istvan Meszaros (com o professor Sérgio Granja); a crise estrutural do Capital (com o servidor federal, José Dalmo) e o bicentenário de Karl Marx, com o professor e sociólogo Leandro Vendramin.

Assim como os temas conjunturais como: o lançamento de um comitê "O Petróleo tem que ser nosso", com Leal; as eleições gerais em 2010 e 12 (com o professor da UFRJ, Eduardo Serra, o diretor do SEPE Jalmir Ribeiro e a ex-coordenadora do SINDJUSTIÇA, Marília Macedo); o balanço das Jornadas de Junho (com o professor e ex-presidente do sindicato dos bancários Cyro Garcia, os bancários Ney Nunes e Júlio Vieira e o atual vereador professor Tarcísio Motta); a Reforma da Previdência (com o professor Luís César Nunes); a dívida pública brasileira (com membro da Auditoria Cidadã da dívida, Paulo Lindesay); a descriminalização das drogas (novamente com Glória Vargas) e as eleições para o Senado de 2018, com o deputado federal Chico Alencar, o ex-deputado Cyro Garcia e a ex-coordenadora do SINDJUSTIÇA, Marta Barçante.

E, também teve palestras e debates sobre temas culturais como: Lima Barreto (com o professor da UERJ, Celso Thompson); Festival de Woodstock e Jimmy Hendrix (com o serventuário Leonardo Gustavo Silvestre); o livro "Quem Derrubou João Saldanha (com o jornalista, escritor e bancário aposentado, Carlos Vilarinho); o filme "V de Vingança (com o escritor Winter Bastos); o filme Norman Rae e o dia internacional da Mulher (com as serventuárias Elizabete Craveiro e Vitória Régia) e a mesa redonda "Globalização e exclusão no futebol", com os jornalistas Henrique Acker, Lindinor Larangeira, Avanir Niko junto com o advogado André de Paula, o diretor do sindicato dos bancários Francisco Expedito Anchieta Abdalla - Chicão, o Profeta da Geral -, o professor e serventuário Sérgio Vila Maior, o consultor Carlos Alberto Bochecha - o "Pai da Matéria" - e o telefônico Wilson Manoel).

Por fim, houve as medalhas do CCOB, para aqueles que dedicaram parte importante da sua vida para a luta dos trabalhadores: o borracheiro Silvestre, o professor César Lima (que dá o nome a biblioteca do centro), a ex-diretora do sindicato dos bancários Tereza Regina Bastos, Genozita Leal Giarola, o professor e ex-presidente do sindicato dos metalúrgicos e da CUT/RJ Washington Costa, muitos dos quais, infelizmente, não estão mais entre nós. Os próximos que deverão ser homenageados com a medalha do CCOB são dois colaboradores: o bancário Luís Fernando Gonçalves Martins e o professor e previdenciário Luís Fernando Rodrigues de Carvalho, que, infelizmente, nos deixaram esse ano.



Fazendo das "tripas o coração", a coordenação do Centro Cultural Octávio Brandão (os bancários Ney Nunes, Nelson Marques e André Lavinias, o serventuário Rodrigo Menezes, Ernani Costa, Marcos Souza, Fernando Jorge, Claudia Barros e professor Haroldo) segurou o rojão, junto com os associados que se mantiveram fiéis ao CCOB. E agora, em campanha financeira com seu livro de ouro, para melhorar o velho galpão (o centro sobrevive com a contribuição de associados, módicos R\$ 20,00 mensais, sem dinheiro e verbas de governos, empresários, ONGS etc), o CCOB espera chegar ao seu aniversário de 15 anos, como de fato tem sido: independente dos inimigos dos trabalhadores, ecumênico (juntando todas as forças da esquerda, de comunistas a anarquistas), aberto, uma construção coletiva, fazendo disso um ponto de apoio na contra hegemonia política e cultural dos explorados e oprimidos. E com a vitalidade de Dona Dioniza Brandão, que aos 93 anos, deu um show de lucidez na festa de 15 anos do centro.

Alex Brasil

Um dos fundadores do Centro Cultural Octávio Brandão



O burro que zurrava em grego e discursava em alemão!

Me desculpem meus amigos
Pra vocês tiro o chapéu
Mas o conto que escrevi nestas linhas do papel
Eu vou ler para vocês como se fosse
Um cordel...

A história que vou ler prestem muita atenção.
Ela não está no livro, rádio ou televisão
É a história de um cabra residente do sertão
E do seu burro falante que sempre zurrava em grego
E discursava em alemão...

(O PREFEITO)

Civirino Perna Fina e o seu burro Jaú
Amigos inseparáveis lá dos tempos do baú
Três dias toda semana caminhavam 7 léguas
Fazendo chuva ou sol lá do sítio do Timbu
Prá vender as suas frutas na feira de Caruaru.

Mexerica, côco, mamão, pitomba, manga e cajú
Apesar da caminhada e do dia estressante
Civirino Perna Fina era da vida um amante
E estava sempre feliz contando caso as gargalhadas
Com Jaú seu fiel burro falante.

Um belo dia porém depois de muita labuta
Muito esforço e da falta de respeito
Seu fiel burro falante sempre elegante e perfeito
Resolveu em um lampejo, pra melhorar a Cidade
E acabar com o descaso me candidato a Prefeito...



Civirino Perna Fina sem entender esse fato
Arregalou bem os olhos e olhou pro amigo assustado
Ora meu amigo você é inteligente e sempre muito elegante
Mas o que o povo precisa prá resolver nesse instante
É de alguém muito letrado e não de um burro falante...

E sorrindo o burro disse: não se impressiona não
Eu falo quatro idiomas burrês, grego, português e alemão.
Não sou igual ao candidato por esse povo eleito
Por isso digo e afirmo prá resolver a questão
Vote em burro Jaú prá ser seu novo Prefeito na próxima eleição...

E o tempo foi passando e todos se convencendo
Que a idéia era boa o burro ali à toa!
Vereador ninguém via prá se dizer a verdade
E o Prefeito quase nunca aparecia na Cidade
Então que seja o burro, ele pode não ser gente
Mas é fiel na amizade!!

E tudo foi resolvido numa alegria tamanha
O partido escolhido, filiação efetivada
E Civirino então numa alegria arretada gritou: quem sabe ele ganha!!
E o burro Jaú sempre muito decidido
Olhou pro amigo e disse: que se comece a campanha!!!

Assim foi dada a largada prá essa grande campanha
Cartazes foram colados, panfletos foram jogados
Causando enorme sururú em toda a Caruaru.
Mas como! Candidato a Prefeito! Tem caroço nesse angú!!!
Só pode ser brincadeira! Aquele burro o Jaú???

E os outros candidatos prá entender a questão
Marcaram pro fim da tarde uma grande reunião.
E de cada partido o seu candidato a Prefeito
Gritavam, esbravejavam mas só que não teve jeito.
Iam ter que aturar mesmo, querendo ou não
Um candidato diferente na próxima eleição...

E assim foi a campanha uns querendo, outros não
Como será o desfecho dessa grande eleição?
O candidato burro Jaú sempre muito esperto
Nunca dava mole não, sempre zurrava em grego.
Mas na hora do palanque, discursava em alemão...



Civirino Perna Fina um tanto preocupado
Perguntou ao burro então, por que é que no seu discurso.
Fala sempre em alemão??
Assim ninguém vai entender.
E o povo desconfiado pode criar confusão...

Ora amigo Civirino, isso é fácil de entender.
Prá fazer um bom discurso, não precisa ser perfeito naquilo que vai dizer.
Basta um sorriso, um aceno.
E um bom " como vai você? "
O povo estando feliz nem vai ouvir o que diz
Mas vai te compreender...

Depois põe o dedo em riste e brava com maestria.
Falando do adversário tudo o que ele fazia.
As falcatruas, os rombos, os roubos e blá, blá, blá!
Pois é só o que se sabe dos candidatos de fato.
A plataforma política e o plano de Governo
Isso nunca interessou àquele que vai votar...

E ao final da campanha se conseguir ser eleito
Aí sim, cuide de fato daquele que tem direitos.
O povo já está cansado e por não ter em quem votar
Até aceitou então, um burro prá candidato na próxima eleição...

Chegou o grande dia e todos foram votar.
As filas eram enormes, quem será que vai ganhar?
João do Areal, Quinzinho da Caatinga ou o tal burro Jaú?
Esses eram os preferidos ali em Caruaru!
Mas como em todo lugar, a tal boca de urna também estava por lá.
" vota no meu candidato, prá Cidade melhorar!!! "

E as 17:00 horas em ponto terminou a votação.
Era um frio na barriga, aperto no coração.
Todo mundo apreensivo ao final da eleição.
As urnas foram abertas, agora não tem mais jeito
Todos vão ficar sabendo quem é o novo Prefeito...

As horas foram passando, os Colégios terminando.
E contados voto a voto terminou a apuração.
Em uma Cidade pequena como Caruaru da Redenção
Sem nenhuma tecnologia, prá contar todos os votos levou muito mais que um dia...



E o povo ali parado com todo o calor do sertão.
Aguardava ansioso, o nome do Campeão.
Então veio a notícia pela rádio anunciada.
Companheiros e companheiras, Caruaru da Redenção já tem um novo Prefeito.
Vou dizer seu nome então...

Digo a vocês com alegria e muita satisfação.
Que com a maioria dos votos escolhido pelo povo.
O nosso novo Prefeito, vencedor da eleição.
É o tal burro Jaú! Aquele que sempre zurrava em grego.
Mas discursava em alemão...

E para aquele que um dia, pretende ganhar uma eleição.
Escolha bem o seu partido e faça algo de bom.
Tire a ganância do peito e pense no cidadão.
O povo está aprendendo e assim como o tal burro Jaú
Outros também virão!
Por isso caros políticos, abram bem os olhos seus.
Porque por mais que o povo erre a voz do povo.
É sempre a voz de Deus!!!

FIM

Junior da Prata

Sarau



Subúrbio



A casa

A casa é antiga, de desbotado amarelo e comprida varanda,
Tem muro de pedras, jardim, mangueira, outras árvores.
A casa remonta décadas perdidas no passado
E está encravada no subúrbio da Penha,
Em contraste com o trânsito, o asfalto, os ruídos,
O ar da cidade e a fria arquitetura
Das outras construções.

É preciso destruir totalmente a cidade!
É preciso urgentemente demolir a cidade!
E reconstruí-la com jardins e pracinhas,
Com trilhos de bondes e bondes correndo,
Com mocinhas sonhadoras e violões em serenata...
É preciso adequar a cidade à casa.

É preciso dismantelar o mundo e refazê-lo
Para torná-lo compatível co'a casa.

Barão da Mata

*** 1995 - Devo dizer aos amigos e leitores que a casa foi demolida para dar lugar a uma UPA 2018**



Queimou o museu, queimou o Brasil

Poderia ter sido mais um preguiçoso domingo à noite. Mas não foi, infelizmente. As notícias que me chegaram pelas redes sociais e depois confirmadas na TV atestavam: o Museu Nacional estava em chamas. A dor de ver aquelas imagens é praticamente impossível de descrever. Ali queimavam a história, a cultura e as ciências de uma nação. Ali viravam cinzas o trabalho, a pesquisa, e toda uma vida de vários brasileiros. O palácio onde um dia princesas de verdade viveram, de cenário de contos de fada virou cenário de uma tragédia imensurável. Enquanto tudo pegava fogo, vinha a minha memória diversas preciosidades depositadas naquele lugar sagrado. Agora, nunca mais as veremos e as futuras gerações não imaginarão o que ali se perdeu. Nossos filhos e netos não verão a múmia da princesa egípcia, os esqueletos de grandes dinossauros, objetos pertencentes a D. João VI e seus descendentes, o crânio de Luzia, a nossa parente mais antiga e tantas outras riquezas mais. Tudo virou pó. Só sobraram os meteoritos, que com a sua força extraterrena, tornaram-se um verdadeiro símbolo de resistência.

E tudo isso nós tínhamos aqui no subúrbio, na Zona Norte. Era só pegar o trem, soltar em São Cristóvão e ir andando até aquele lugar de magia. Quantos piqueniques que eram coroados com as visitas ao Museu ou ao Zoológico. Quantas gerações se impressionaram com aquelas maravilhas, quantos olhinhos curiosos e surpresos viram de perto personagens que só conheciam nos livros e desenhos animados. E tudo isso aqui no subúrbio carioca. Agora os olhos e os corações só se emocionarão de tristeza.

O mais doloroso é saber que tudo isso poderia ter sido evitado, não fossem anos e anos de descaso dos nossos governantes com essa joia tão rara. Esse é o retrato de como o patrimônio histórico é tratado no Brasil, como lixo que deve queimar. Neste momento nada mais adianta falar, não adianta lamentar, e apesar de ser algo previsível devido à precariedade em que se encontrava o Museu, ainda não consigo acreditar no que houve. É como se uma pessoa muito próxima e querida tivesse morrido e eu estou no primeiro momento do luto, que é a negação. O coração dói, sangra.



Escrevo esse texto na manhã de segunda-feira, dia 3 de setembro de 2018, talvez uma das segundas mais tristes da minha vida. E o que eu posso falar agora? Vamos prosseguir? É o jeito, né? Qual será o próximo: a Biblioteca Nacional, o Museu de Belas Artes, o Museu Histórico, o Arquivo Nacional? Faço essa pergunta porque está tudo abandonado. Já passou da hora de despertamos para a realidade de nossa nação, que queima e vira cinza, assim como virou o acervo do Museu Nacional.

Nesta tragédia toda, sorte teve a estátua de D. Pedro II que, de costas para o Palácio, não viu o que o que aconteceu com o seu tão querido lar...

Ana Cristina de Paula



Vai chover memória, mãe

A criança cutucou a mãe:

- Preciso vestir uma camisa, vai chover.

Ela sorriu.

- O céu está estrelado, filho. Que história é essa de chuva?

- Vai chover memória, mãe.

O filho havia lido na rede social do professor de História que o Museu Nacional tornara-se uma nuvem de memórias.

Ora, pensou ele: depois da condensação, a nuvem vira chuva. Chuva de memórias.

A mãe olhou os clarões pro lado de São Cristóvão: sim, em alguns instantes choveria memória.

- Mãe?

- O que é filho?

- Não acha melhor a gente armazenar?

- Do que está falando?

- Da memória. Não seria bom a gente armazenar memória?

A mãe segura as lágrimas com a ingenuidade pueril.

- Por que você acha isso, meu amor?

- Pro caso de haver um desabastecimento. A gente guarda num reservatório e quando um político desonesto falar uma besteira, a gente pega memória lá e prova o contrário.

- Você acha isso uma boa coisa?

Ele sorriu.

- Claro. Quando desperdiçamos água, perdemos energia. Memória também é energia. É a memória que nos faz seguir adiante.

A mãe acompanhou o sonho da criança. Ambos foram ao quintal e distribuíram baldes pelo chão para que as memórias caíssem sobre os recipientes e quem sabe conseguissem salvar alguma.

Dormiram de consciência limpa.

Pela manhã, a mãe foi despertada pela criança pulando na cama:

- Acorda mãe, vem ver!

- Que foi filho? – a mãe pergunta sem abrir os olhos.

- Nosso quintal, a calçada, a rua, o chão: tá tudo cheio de memórias.

O pai põe o travesseiro no rosto:

- Vai dar um trabalho desgraçado limpar.



A mulher deu um salto, ignorando o marido indiferente. Ele refletia muitas pessoas naquele dia, apáticas em relação ao incêndio. Ela estaria do outro lado: o lado do sonho, o lado do filho. O olhar de uma criança ante a tragédia. Da janela olhou os baldes: todos pretos. As memórias estavam fragmentadas demais para serem armazenadas. Eram só papéis picados.

Frustração. Ela abraçou o filho em prantos e ambos choraram juntos.
- As memórias escorreram pelo boeiro, mãe. O que vamos fazer com tanto desperdício, mãe?

O mãe o abraçou com força. Nessas horas, não há muito o que dizer.

- Deita, meu amor, dá tempo de dormir mais um pouco antes da escola.

O filho deitou triste. A mãe não conseguiu sair da janela, vendo o fim da chuva de memórias que, àquela hora, era quase uma garoa. O chão turvo como a realidade.

A criança conseguiu cochilar antes da aula e sonhou com um arco-íris.

Jonatan Magella



Rubricas de Dhulka Samada – A escolha de Evaristo Conceição para Idhiman

Às primeiras reuniões da AIL (Academia Intergaláctica de Letras) de Dhulka Samada todos os representantes dos países ex-terrenos tinham comparecido. Audiência máxima em todos os dias dias de reunião durante os cinco meses de duração da primeira escolha da composição da academia.

No único dia em que acompanhei, o salão principal Qolka estava lotado. Cada país ex-terreno tinha direito a levar três representantes para o evento, e como no último censo tinham calculado que havia 222 países no planeta Terra antes da Duulimaad (a fuga), pelo menos 666 pessoas estavam no grande salão (o Qolka) naquele memorável dia.

A Uninet, em todas as suas instâncias (públicas e privadas) transmitia ao vivo o evento.

Se tudo desse certo, hoje seria escolhido o próximo Idhiman (Imortal) de “Literatura Genesial de Dhulka Samada”, como diziam.

Um Idhiman era uma pessoa escolhida pelo Supremos Conselho que tinha liberdade de escrever na Uninet sem autorização da AIL e sem a restrição 717: que restringia a somente um texto por ano a produção intelectual de qualquer escritor (isso depois de o texto ser aprovado pelos 10 Supremos Conselheiros (os Madaxa Sare), que tudo decidiam politicamente em Dhulka Samada, nosso atual planeta, que na verdade é uma plataforma espacial orbitando na atmosfera terrestre).

Os Madaxa Sare nunca apareciam em público. Quando tinham algo a dizer ou determinar utilizavam-se da Uninet (que não só poderia receber as suas palavras como era capaz de realizar uma votação instantânea com todos os 2 bilhões de terráqueos restantes).

Eram em número de 10 os Supremos Conselheiros, cada um deles era chamado pelo nome de um antigo império de África (antigo continente-mãe dos ex-terrenos). Naquela audiência eles estavam assim posicionados da esquerda para a direita e do primeiro para o segundo andar das cadeiras do palco de Qolka, cinco em cada andar: Império de Gana, Império de Mali, Império de Aksum, Império do Egito, Império de Congo, Império de Songhai, Império de Oyo Yorubá, Império de Zimbábue, Império de Cartago e Império de Adal.



Eu estava vendo exatamente o momento em que dois escritores brasileiros estavam se apresentando para se tornarem possível Idhiman de seu antigo país, o Brasil.

O primeiro, insisto em lembrar mas não me recordo o nome, apresentou-se diante dos Madaxa Sare:

- O escritor acredita que pode se tornar um Idhiman por quê?

- Supremos Conselheiros, eu tive antes de Duulimaad uma educação clássica. Recitava versos de Homero no original, cantava de memória as mais belas trovas medievais, acompanhado de alaúde por mim mesmo dedilhado, confeccionadas pelos idiomas ibéricos e bretões. Conheço muito da cultura europeia antiga, moderna e contemporânea. Óperas, operetas, dilemas filosóficos e sociológicos de Antiga Europa. Meus livros versaram sobre os maiores anseios da alma humana civilizada, nunca me deixando levar pelos apelos insensíveis de uma possível igualdade entre aqueles que tiveram educação de berço e os fracos que jamais se estreitaram junto à suprema e honrosa meritocracia. Meus versos nunca foram fáceis, para entendê-los necessário sempre se fez a riqueza de uma cultura clássica amparada pelas melhores leituras de uma bibliografia vasta e portentosa. É assim, sendo humilde, pois muitas outras façanhas de minha prosa poderia lhes contar, Superiores Intelectos. Por isso, tão-somente, Magnânicos.

- E sabes ainda mais coisas, candidato?

- Sim, claro! Conheço os escritores gregos e romanos: li-os no, digamos assim, "quase-original", em suas traduções para o latim clássico.

- E sua literatura? Fale-nos um pouco de sua produção literária.

- Tenho estilo extremamente polido e límpido. Primo pela magnitude vernacular, sem malabarismos modernos desnecessários. Meus pares diziam que meus versos pintavam quadros europeus com magnificência digna de um Camões mais amadurecido e que minha prosa era robusta como a de um escritor gaulês do século XVI. Tenho estilo e escritura como os grandes clássicos europeus como se percebe facilmente, Ilustríssimos.

Os Madaxa Sare, se entreolharam, alguns balançavam suas cabeças com movimentos de aprovação. O candidato a Idhiman percebeu e bradou um "yes" com os punhos cerrados no ar.

- Quem venha a próxima candidata!

Entro a escritora ex-terrena Conceição Evaristo.... dessa lembro bem o nome.

- O que a traz aqui se candidatando a Idhiman?

- O que me trouxe aqui foram as ações cotidianas. Nós somos agentes de transformação das situações que nos aparecem. Eu tinha tudo para não estar aqui hoje, mas estou.

A escritora provavelmente se referia à condição de se apresentar querendo uma cadeira na ALL: a publicação de uma obra literária em sua língua nativa.

- Ora, explique-nos melhor o que acabou de dizer.



- É que eu nasci numa favela em Belo Horizonte, que era um antigo Estado do meu já morto país, o Brasil. E tive que conciliar meus estudos com meu trabalho de empregada doméstica, tudo para concluir meu curso normal, quando tinha 25 anos de idade, lá pelos idos de 1971.

- Mas então, mesmo assim você acabou virando escritora, certo? Por que não desistiu?

- De certa forma eu tinha a consciência de que sendo mulher e negra as coisas para mim chegariam mais tarde. Isso no sentido de se alcançar o que se quer pelo direito que se tem. Tinha exemplos fáceis no meu país: a Clementina de Jesus só “aparece” com mais de 60 anos, a Jovelina Pérola Negra também já com certa idade e Dona Ivone Lara, também. Todas mulheres negras brasileiras.

- O que faz você pensar que pode ser uma Idhiman?

- Minha obra foi recebida primeiramente em movimentos sociais: primeiro no movimento negro, depois nos saraus, rodas de poesia, nos encontros. Os professores e pesquisadores começaram a levar minha voz para as salas de aula e a militância social a levou para muitos lugares. No ano longínquo de 1994, em minha dissertação “Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade”, começo a dizer que minha literatura é uma “escrivivência”: a vivência particular e coletiva é seu arcabouço. Uma vez que sabemos que os passos das mulheres negras atravessaram em navios de África e se espalharam para o resto do mundo, e que mesmo assim nunca fizeram parte da cultura hegemônica desses lugares, obrigadas que foram a silêncios e “calamentos”. Acredito que posso ser uma Idhiman porque estamos palmilhando caminho para nossa descendência, que encontrará caminho menos árduo. A ideia de gerações, porém, não segue o tempo linear europeu. É o tempo circular africano, em que o ancestral assiste ao nascimento do novo. O novo vem ao mundo pela força da ancestralidade, um momento muito bonito.

Novamente os Madaxa Sare, se entreolharam, com alguns balançando suas cabeças com movimentos de aprovação. A candidata também percebeu os movimentos e simplesmente movimentou-se para frente em sinal de reverência.

Os painéis dos Madaxa Sare se apagaram por alguns poucos minutos, menos de quinze.

Quando voltaram anunciaram sua escolha:

– Já pode se sentar na cadeira na AIL quem escolhemos: Conceição Evaristo, você é a próxima Idhiman. Sua voz é importante para a preservação da cultura de seu antigo país, o Brasil. Você realmente tem muito a nos ensinar sobre a cultura brasileira e do modo de vida dos seus. Sua voz é a voz do seu povo. Sua “escrivivência” é um aprendizado que será muito importante para a nossa e as próximas gerações. Pode se sentar escritora Conceição Evaristo a nova Imortal da Academia Intergaláctica de Letras de Dhulka Samada.

Malkia Usiku

* “Rubricas de Dhulka Samada – A escolha de Evaristo Conceição para Idhiman”, é um excerto do livro Dhulka Samada – Origens (Romance Afrofuturista de Malkia Usiku).



• Jiló recheado com calabresa (com ou sem molho)

Até quem não gosta de jiló, vai passar a gostar depois que provar esse acepipe!

Ingredientes: 10 jilós, 10 rodela de linguiça calabresa e molho de tomate.

Preparando:

Os jilós - Retire os cabinhos dos jilós, corte-os no sentido do comprimento sem ir até o final, de modo que eles tenham o corte, mas fiquem inteiros. Deixe de molho em água e sal por 15 minutos.

A calabresa - Escalde e deixe cozinhar um pouco as fatias de linguiça. DICA: Eu gosto de cortar um pedaço da linguiça e escaldar inteiro e depois então fatiar (quem for fazer com molho, o que sobra pode picar e acrescentar depois).

Tem quem pare por aqui! Tá pronto! É só abrir os jilós e colocar as linguiças no meio, como um pequeno sanduba de jiló com calabresa. Há quem diga que a receita "de raiz" termina aqui! Brigas à parte eu prefiro continuar um pouco mais na receita, acrescentando o molho, vejamos:

O molho - Doure 1 dente de alho em 2 colheres de sopa de azeite, junte 1/2 tomate, 1/2 cebola e um 1/4 de pimentão (pequeno), tudo processado ou bem picadinho, refogue bem e acrescente +- 1 xícara de chá de molho de tomate e +- 1 xícara de chá de água, tempere com molho de pimenta ou 1 pitada de pimenta do reino, acerte o sal e coloque a calabresa que sobrou bem picadinha. Deixe apurar em fogo baixo por +- 5 minutos, desligue e reserve.

MONTAGEM - Coloque na abertura dos jilós, 1 fatia da calabresa, arrume-os n/panela, cubra c/ o molho reservado e leve ao fogo baixo até que cozinhem, mas sem se desmancharem (al'dente). C/ a ajuda de uma escumadeira, passe os jilós p/uma travessa, cubra c/ o molho e sirva.

DICA - Pode servir na refeição ou como acepipe, como fazem os cariocas do subúrbio: o jiló acompanhado de uma gelada (cerveja), e rodela de pão francês. Eu prefiro com uma cachacinha mineira ou lá de Paraty (com o pãozinho certamente).



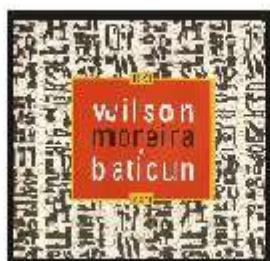
• BIBLIOTECA SUBURBANA

Livros essenciais de Conceição Evaristo: Insubmissas lágrimas de mulheres; Poemas da recordação e outros movimentos; Histórias de leves enganos e parecenças; Becos da memória; Olhos d'água



• DISCOTECA SUBURBANA

Discos essenciais de Wilson Moreira: Peso na balança; 1991 - Wilson Moreira e Baticun - 2011; Entidades I; Okolofé





À Luz de Vela

É curto o caminho que sigo
Porém, a cegueira do mundo ainda não vi
É tênue a chuva que cai
Marcando as pegadas da vida que fiz

Serve-se a voz do silêncio
Gravando o compasso fatal
Rebeldia a cada momento
Manchando o quadro formal

O espelho de costas eu vejo
Reflete o futuro cinzento
A mira enquadra o ponto
Perdido num espaço de tempo

Correndo no meio me perco
Na margem quero me ver
Lembrando que a luta é outra
Visando o destino sem ter

Lamento no escuro o riso
Que de mim escondendo eu dei
Forçando compromisso absurdo
Tolhendo o último vestígio de vida, caiei
Paro antes do fim e caio
Levanto, quero chegar
Primeiro clamo por luz
Depois, pálido contraio-me
Rezo, querendo acabar.

Silvio Silva



Temposição das Almas Íncubas



Texto primeiro – O muro-dos-ladrilhos-cogniscíveis - Visão

“O fôlego do Banheiromundo guiou-me-trouxe-me à Centralizadora. Não devo partir, pressinto!”

Devia procurar então...

Ao cruzar a roleta que aleatoriamente escolheu, Hombre Tonto redemoinhou-se, piãozou-se: mãos sobre os olhos e rodopios seculares, circulares e tonteantes. Retomando-se, viu-se em outro lugar: papiros-sebosos, xícaras borradas de batons e manteigascacauseiras, bules de água-morna, alguns caixões dormindo nos cantos das paredes. Todos azuis-escuros-escarlates.

Viu num quadro da parede, embaçado: um escritor negro quadro-embranquecido pra não ter nenhuma conta de sua ancestralidade africana, era o Machado de Assis... então, aferiu, ele tinha sido espaço-tempotransportado para a ABL, Centro do RJ.

Hombre Tonto chorou pelo escritor, chorou por outros escritores e escritoras, chorou, chorou, chorou... e ainda chorou, chorou, como nunca antes. Acabou sendo arrastado pelas ondalágrimas até um porão do lugar.

Era um porão cheio de livros.

Os livros estavam dentro de prisões. Grades, como as da cadeia de presosgentes, os separavam, como livros condenados. As obras estavam bem ali diante dele: os livros, todos, separados uns dos outros e enroladosembrulhados num papel cinza. Do lado fora uma frase simples assim: ESCRITOS DO POVO!

Hombre Tonto não sabia... mas soube naquele momento... a ABL era uma das APCEP - Academias Poeiroensebadas Contrárias aos Escritos do Povo!

O choro não veio naquele momento, mas sim uma doriraóidio de deixar seu pretordepele avermelhado, como seus olhos faiscados, e gritou. Seu grito foi tão alto que acordou os povos de muitas terras, disseram as gentes no futuro, (depois souberam todos que só não acordaram alguns escritores, os que viviam nos caixões vermelhozuis da ABLândia... eram uns tais que se autodeclaravam "imortais", mas que nem eles não cogitavamsabiam bem o porquê!



Hombre Tonto desmaiou-se-caiu-se com as mãos preparadas numa capoeira que caindo rodopiou-o-se. Quando se levantou do momento-em-capoeira já não estava em ABL-land...



"Diante de meus olhos o muro-dos-ladrilhos-cogniscíveis." Hombre, nosso herói-do-povo conhecia bem os instrumentos alquímicos-ancestrairológicos! Só não tinha compreendido ainda onde foi parar. Críticas devia aos que não tinham cuidado bem d'Omuro. Notava-se o descaso, notava-se o "isso é nadanão", notava-se a pouca importância com a obra-prima d'um alquimista xamânico.

A Tradisotéricapédia informava que o muro-dos-ladrilhos-cogniscíveis fora criação de Andirá Anahí, o alquimista indígena tupiniquim, conhecido por todos como "o grande morcego de fala doce." Mas, o tristezódio inflama Hombre Tonto por ver que a obra estava anematizada daquela forma.

"As imagens que sobraram estão quase apagadas, uma foi completamente perdida. Qual a informação velada sob o véu do desafio que o Cogniscível me propõe?"

Agora era meditar sobre a imagem-meio-mandala...

Tonto pensava em altavoz: "Éééé..... tabalhadores,... não só os do povo... aqui tem a figura do Juiz... e números... uns rabiscos estranhos... parecem todos pichados... mas não... são do original... umas imagens... sim... é isso, claro!"

O processo cogniscivisão punçou-lhe as visões:



	22		52		15		43		20		34
			7		6		7		2		7
+		30	-	37	÷	28	-	23	+		14
		+	7	-	11	-	5	-	9		
			+	4	-	6	+	4			
			+	2	-	2					
						0					

Hombre finalmente viu: los rabiscos eram sinais de soma e subtração e os números e trabalhadores... “O enigma se desfaz com a numerologia pitagórica e seu estudo alquímico.” Concluiu.

Ele fez suas anotações pertinentes e necessárias num papel que havia guardado em seu bolso junto com uma Biccaneira:



Enquanto concluía, uma fumaça lhe atrapalhou... foi quando começou a tossir... naquele debate com as ideias não tinha visto as chamas... a fumaça lhe indicou. Teve que correr bem rápido... bom que encontrou uma janela... pulou... soube onde estava... num dos portais viajantes do Museu Nacional no RJ... o museu estava em chamas...



Hombre Tonto petrificou-se-calou.

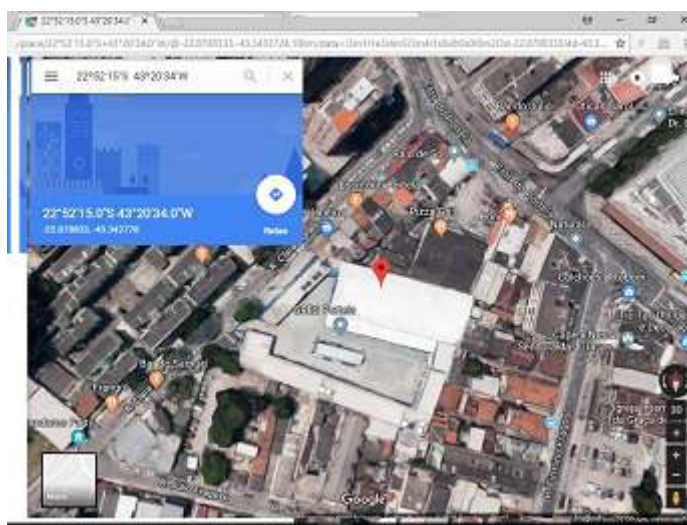
O museu cheio de portaisviajantes, o museu carregado de informaçõesimportantes, o museu onde estudou, viu, tocou, cheirou, sentiu, tantas coisas... o choro foi muito intensogrande... como se uma Era inteira pesasse sobre seus ombros quebrando-lhe em partículas subatômicas fugidias.

Não saberia descrever o quanto chorou e inflamou-se com o descaso que trouxera as chamafim sobre o Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Deixou cair suas anotações que foram tragadas em segundos pelo fogarele. Mas se lembrava de cabeça. E recordando-se extraiu a direção pra encontrar as Almas Íncubas quando intuiusoube que os números noaltoeacima dominantes tratavam-se de uma coordenada mapeadora:

22°52'15"S 43°20'34"W

E, procurando em seu celular viu o lugar determinado pelo muro-dos-ladrilhos-cogniscíveis:



Era em Madureira... a quadra da Portela! E para lá Hombre Tonto seguiu-se-foi!

Pazuzu Silva



Quando tem que ser...

Para a ocorrência da morte
Nunca será cedo ou tarde.
Sinta-a e se conforte,
Mas não faça alarde
Nem conteste o tempo vivido
Por aquele que parte
E nos deixa doído.

A vida é a arte
De um espírito na carne
A aperfeiçoar a sua existência
Em cada desencarne
Até transformar-se pura essência.

Sem a menor sombra de dúvida,
Todos temos um tempo apazado
Para cada nova investida
Neste plano denso e atrasado
Onde nos é concedida
A oportunidade de resgate
Dos nossos atos de disparates.

As causas e efeitos,
De antigos e novos malfeitos,
São dívidas acumuladas
Que precisam ser acertadas
Nas necessárias passagens.

Este é o objetivo,
O propósito maior das viagens,
Até zerarmos o passivo.
Assim, quando purificados,
Retornaremos a essência maior
Para sermos a Ela reintegrados
E vibrarmos energias de puro amor.



Para não passar em branco o que restou em cinzas...

As chamas se propagaram rapidamente e apagaram quase onze mil anos de história, arquivadas e expostas, no Museu Nacional. Ainda não se sabe de onde, e nem como surgiu o fogo: se de forma acidental ou propositadamente. Havia condições favoráveis a ocorrência de ambas situações.

A verba, às vezes insuficiente, malversada, uma prática comum a maioria dos administradores da coisa pública, preocupados com suas benesses e um exacerbado nepotismo, a despeito da manutenção do bem comum.

E, talvez, quem sabe! A intenção de destruir provas e evidências de furtos e corrupções, fatos tão comuns no cenário deste país, desde tempos imemoráveis.

O resultado da investigação da causa do incêndio, caso seja apurada com afinco e seriedade, e solucionada! Não será surpresa se for uma ou outra, ou as duas hipóteses aqui aventadas.

Aguardemos os desfechos das investigações.

Kaju Filho



Marielle liberdade

Bate a violência
Em nossa porta
Retirando uma vida
A mais linda expressão

A jovialidade destemida
O olhar da esperança
E a luz no coração
Prezava a sua Comunidade
Lutava pela igualdade
Mulheres eram sua razão

Transmitia a felicidade
Marielle liberdade
Não era resignação
Meus olhos hoje choram de verdade
E a luta continua grande representação...

Este samba é a continuação da edição nº2 da Revista Mulher: a Ausência transformada em luta.

As autoras tiveram a Boa sorte de conhecer Marielle e perceber suas potencialidades como militante do movimento de mulheres, antes de ser candidata a um cargo público....O nosso espírito de luta se tornou mais forte e representativo..Boa leitura...

Márcia Lopes e Louise Silva



2022

Ontem estava cansado mas resolvi seguir pra São Cristovão, sabe aquela força extra depois do almoço; aquela voz irradiando que te cobra atitude: tira essa bunda da cadeira e vai lá! Fui e agora conto pra você como foi. Mas o antes disso tudo acontecer, preciso um pouco esclarecer.

Em 1998 estive no Museu Nacional, era Domingo e junto com Mulher e Filha pude explorar bem o Lugar construído na Quinta da Boavista; e que vista , quanta magia de arrepiar o alvorecer.

Lembro que logo na entrada do Museu bem em frente a porta principal destacava-se a presença no chão de uma placa metálica de bronze com os seguintes dizeres: não vou contar pra você que me lê...tu vai ter que ir lá pra ver... Sim lá está uma capsula do Tempo lajeada em 1972 ano do sesquicentenário da Independência do Brasil; me fascinou o fato que ela será aberta obrigatoriamente em 2022; é só em 2022 , mas como gosto de você vou te antecipar o futuro, e tudo que vivi nesse dia.

Morando na Tijuca resolvi ir de metrô até São Cristovão e logo me espantei; olha só o que vi em meu caminho em um Sábado de Sol e inspiração, era 2022:

Vejo um corpo sem cabeça,
Passeando livre
Entre as estações do metrô.
Ele nada me diz
Não tem palavras, pensamentos
Apenas muitas opiniões.
Corpo sem cabeça,
Vaga.
Tronco, braços, pernas.
Tudo isso sem cabeça.
Apavorando a própria aparição.

Confesso que me espantei no Metrô mas prossegui; sai da estação de São Cristovão e caminhei margeando as grades de ferro da quinta; não quis entrar logo no portão em frente a estação do Trem ; preferi a trilha externa lateral, dei bom diaa cidadãos e almas penadas que ali se amontoavam . Já quase na entrada tive vontade de fazer sexo com uma mulher bonita que me ofereceu seu corpo por dinheiro dizendo que eu não iria me arrepender; iríamos para o Xanadu gozar da Vida; mas como vontade é coisa que dá e que passa lhe agradei languidamente, desejei-lhe boa sorte e também perguntei pra que time ela torcia, peguei seu Zap ; de certo nesse dia preferi acompanhar a abertura da cápsula.

Rodolfo Caruso



- **Foi um samba que passou em minha vida**

Na vida de todos nós que amamos o SAMBA existe aquele em especial que nos marcou. Este é o espaço para os depoimentos apaixonados, compartilhe com os leitores aquele samba inesquecível.

Depoimento de **Onesio Meirelles**



link: <https://youtu.be/BD-ySyZa6k8>



link: <http://radiovivaosamba.com/>

* Notamos que em alguns aparelhos de celular os links não abrem. Isso se deve às versões e questões de ordem técnica. Assim, caso o link não abra: copie e cole no navegador.



Fuligem

Há pouco tempo atrás,
na Quinta havia um museu.
Pronto – não há mais.

Há pouco tempo atrás,
no Rio de Janeiro havia Marielle.
Pronto – não há mais.

Há pouco tempo atrás,
no Brasil havia, digamos assim, memória.
Pronto – não há mais.

Há alguns semanas atrás,
aqui em Vila Isabel havia fuligem espalhada.
Pronto – nunca mais.

Leonardo Bruno



O samba não tem fronteiras

Federação dos Blocos Carnavalescos do Estado do Rio de Janeiro



O ano era o de 1965, a Cidade do Rio de Janeiro completava 400 anos. As escolas de samba do grupo principal ainda desfilavam na Presidente Vargas-Candelária, somente aos domingos de carnaval, ainda não era em dois dias e nem havia desfile das campeãs.

Neste ano elas foram obrigadas a usar temas alusivos a Cidade pelos quatrocentos anos de existência,

História dos carnavais cariocas pelo campeão Salgueiro.

Os Cinco Bailes da História do Rio pelo Império Serrano.

Histórias e tradições do Rio Quatrocentão pela Portela

Rio Através do Século pela Mangueira

Na Avenida Rio Branco aos sábados desfilava um Corso com mulheres bonitas além do Cordão do Bola Preta e aos domingos as escolas de samba de grupos logo abaixo do principal.

Nos outros dias o fervor era com blocos de sujos, blocos de embalos, desfile de ranchos e de frevos, além das grandes sociedades.

O Cacique de Ramos e o Bafo da Onça faziam a festa, eram os principais blocos de embalo.

Paralelamente a isto, num palco instalado na Cinelândia, cantores se apresentando cantando marchinhas e concurso de fantasias originais.

No Teatro Municipal a elite fazia fila para entrar no seu Baile de Gala.

O carnaval quatrocentão foi um sucesso.

Chega o mês de setembro, surge uma entidade que vai organizar o desfile dos blocos e ela filiados.

Há blocos de embalo e blocos de enredo inscrito em seus quadros.

O presidente é o Sr. Mario Silva que mais tarde iria inaugurar a sede da

Federação dos Blocos na Rua Alexandre Mackenzie, Centro do Rio de Janeiro..

E junto as autoridades do governo, a Federação passaria a ser a voz dos blocos no sentido de obter subvenção e melhores condições para o desfile dos blocos filiados.

Os blocos de embalo desfilavam com sambas próprios com seus componentes fantasiados e distribuídos em alas, tinham porta bandeiras e mestre sala e com cores próprias, mas no carnaval não concorriam a nada a não ser desfilarem.



Mas na década de 1970 surgiu o concurso de Banho de Mar á Fantasia onde os blocos de embalo concorriam entre si em desfiles com seus componentes de fantasias em papel crepom e no final saiam da pista e iam para o mar fantasiados e ali o papel crepom se desmanchava, dando um colorido diferente as aguas do mar.. Todos os anos em várias praias cariocas havia o concurso e o campeão de cada local iria disputar o titulo máximo na praia de Ipanema.

Nesta mesma década surgiu em Mangueira no local chamado Candelária um bloco de embalo batizado de Balanço da Mangueira, com as cores verde e rosa e com o ritmo semelhante ao da Escola de Samba Estação Primeira

E no primeiro desfile em que participou foi logo campeão.

Cada bloco tinha que nomear um representante junto a Federação e a pessoa nomeada pelo Balanço da Mangueira com o tempo não vinha correspondendo A diretoria do Balanço da Mangueira, por consenso resolveu convidar Isaltino Medeiros que já era componente, para ser o novo representante junto a Federação dos Blocos.

Mas o bloco por problemas políticos não durou muito tempo e enrolou a bandeira.

Isaltino Medeiros que já vinha prestando bons trabalhos na Federação passou a ser representante de outros blocos.

Não demorou muito passou a compor o corpo da diretoria da Federação colaborando e muito com o Sr. Mario Silva o presidente.

Neste interim ele viu a debandada dos blocos filiados no final dos anos oitenta.

A politica da prefeitura cortando verbas fez com que vários blocos de enredos fossem se filiar como escola de samba na Associação representativa destas.

Dentre esses a Unidos da Vila Kenedy, Unidos do Cabral, Arrastão de Cascadura e Arranco do Engenho de Dentro.

Os blocos de embalo deixaram a Federação que hoje conta com 20 blocos de enredo que desfilam aos sábados de carnaval no Centro e na Intendente Magalhães.

Os blocos de enredo é como se fosse uma mini escola de samba com media de 400 pessoas a diferença é que o pavilhão destes blocos é um Estandarte e das escolas de samba é uma bandeira.

Há 20 anos Isaltino Medeiros chegou a presidência da Federação dos Blocos e com muita competência transformou esta numa instituição respeitável perante as autoridades e as outras instituições representativas das escolas de sambas como a LIESA e Associação das Escolas de Samba Mirim.

Uma unanimidade no seu corpo diretor, sempre lutando pelo interesse dos blocos filiados, com uma liderança incontestável nunca permitiu que em sua diretoria houvesse membro desagregador, fazendo desta, uma família.

Unanimidade também junto a seus filiados por agir com honestidade com relação a todas as questões relativas aos blocos.



No mês de junho deste ano de 2018 veio a falecer, deixando órfãos os blocos de enredos.

Isaltino Medeiros mangueirense nato e flamenguista roxo, deixou uma lacuna difícil de ser preenchida.

Que os blocos de enredo no carnaval do ano de 2019, façam um grande carnaval em saudação a ele.

Onesio Meirelles



Kherima, a múmia do Museu Nacional



" - Kherima não era fácil, deixava quem se aproximava dela em transe. Muitos relatos, de pessoas bastante idôneas ocorreram nos idos da década de 1960.

Mas a múmia devia ter suas predileções pois muitos se aproximavam, poucos eram escolhidos por seus olhos pro transe. Aliás, cavidades, pois os olhos mesmo já tinham sido consumidos pelo tempo. Mas todos se arrepiavam.

A múmia Kherima ficava no Museu Nacional, no Jardim Botânico, Rio de Janeiro. O museu que foi tragado pelo fogo num triste e fatídico segundo dia de setembro do ano de 2018.

O enfaixamento que preservava a múmia era importante pois muito raro.

Os membros de Kherima era individualmente enfaixados e possuíam uma fina decoração sobre linho. Seu aspecto era o de uma boneca. Uma boneca de pano. Uma boneca vudu gigantesca.

Iguais à múmia que dormia no Museu Nacional somente mais sete em todo o mundo.

As múmias de sua época eram empacotadas sem muitos detalhes, o que a tornava uma múmia especial. Por que tanto cuidado em preservar Kherima com todos os seus contornos femininos? Talvez um último pedido? Ou a preservação de sua silhueta para que os que ficaram vivos pudessem ainda admirá-la?

Kherima, a múmia egípcia, tinha cerca de dois mil anos.

Nicolau Fiengo, um italiano que comerciava antiguidades, foi quem trouxe Kherima ao Brasil no ano de 1824. Veio num caixote de madeira.

Num leilão, que aconteceu dois anos depois de sua chegada, Dom Pedro I arrematou a múmia num leilão e a doou para o então Museu Real (instalado no Campo de Santana, região do Centro da cidade do Rio de Janeiro, fundado em 1818).

Dentre os relatos do poder da múmia se destaca o de uma jovem que afirmou ter ficado "completamente fora de si" após tocar os pés de Kherima.

A jovem entrou em transe e começou a falar com os olhos revirados: "A múmia pertencia a uma princesa de Tebas que se chamava Kherima. Ela foi a punhaladas assassinada.

Muitos relatos, e de fato foram em grande quantidade, foram o de pessoas que afirmavam sofrer um "mal súbito" ao se aproximarem da múmia.



Outros relatos, menos comuns, eram de pessoas que afirmavam conversar com Kherima e que ela os respondia.

“Kherima me disse que fora uma princesa do Sol!”, o que, apesar de bonito e poético não fazia sentido para os egiptólogos, uma vez que tal título lhes era desconhecido, não havia registros de 'princesas do sol' nos documentos encontrados do Egito Antigo.

Havia um professor, Victor Staviarski, que era membro da Sociedade de Amigos do Museu Nacional, que ministrava cursos de egiptologia e escrita hieroglífica de uma forma bem interessante, ajudando a perpetuar os mistérios em torno da múmia Kherima. Seus cursos se davam com óperas como música de fundo (preferencialmente a ópera Aída de Verdi). Atuação de médiuns e hipnoses eram comuns durante os cursos com alunos tocando a múmia Kherima para, havendo a possibilidade e vontade dela, entrarem em transe e revelarem algo novo para os estudiosos.

No Museu Nacional havia a maior coleção de egípcia da América Latina, mas a múmia Kherima sempre exerceu fascínio e admiração incomparáveis.

Uma coisa que muitos não sabem é que provavelmente o coração de Kherima estava lá dentro dela sob seu enfaixamento.

A mumificação egípcia era feita com a retirada de quase todos os órgãos internos, com a exceção do coração.

Só que algumas vezes o coração acabava sendo retirado junto com o pulmão, por mera distração do sacerdote responsável, um amuleto o substituía quando tal fato ocorria.

Para os antigos egípcios, nosso coração era o guardião de nossa memória pessoal, assim, com toda nossa vivência armazenada no coração, nosso músculo cardíaco era essencial para nossa ressurreição, sim, a mumificação tinha essa missão: conservar o corpo para sua futura ressurreição."

Tia Zulmira (apelidada adequadamente pela criançada de "A múmia"), professora de História, terminava de forma apoteótica a apresentação que fazia para os alunos e seus pais do passeio que a escola sempre proporcionava aos alunos no final do mês de maio de todos os anos:

" - Assim, Kherima é uma múmia que pode se lembrar de tudo o que viveu e das coisas que acontecem ao seu redor. Por isso, cuidado com o que vocês vão falar quando estiverem no museu na semana que vem!"

Triste saber que não teremos mais o passeio à múmia do Museu Nacional organizado por Tia Zulmira.

Antero Catan



Um lugar no subúrbio

O **Museu de Imagens do Inconsciente** foi inaugurado em 20 de maio de 1952 no, até então, Centro Psiquiátrico Nacional, no bairro Engenho de Dentro no Rio de Janeiro, por iniciativa da psiquiatra Nise da Silveira. Hoje, ele abriga cerca de 350 mil obras de pacientes com transtornos mentais oriundos da arte-terapia aplicada pela doutora, uma das precursoras desse método de tratamento no Brasil[1] e quem instalou a psicologia de Carl Jung na América Latina.

A origem do Museu de Imagens do Inconsciente remonta a história de Nise da Silveira. Contra os tratamentos invasivos e violentos vigentes na década de 1940 (eletrochoque, lobotomia, insulinoaterapia.[3]), a psiquiatra exercia sua função conforme suas crenças de tratamento no Setor de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR) do centro psiquiátrico. Ela assumiu o comando da área em 1946 e fundou, em 9 de setembro de 1946, um ateliê de pintura e escultura em uma área administrativa não utilizada do complexo[4]. Na ocasião o Centro Psiquiátrico possuía aproximadamente 1.500 internos, em sua maioria esquizofrênicos crônicos.

Dentre as diferentes atividades, pintura e modelagem se destacaram como um meio de acesso ao mundo interno dos pacientes. A produção desses ateliês foi tão abundante que em 1952 nasceu o Museu de Imagens do Inconsciente.

O Museu é um centro vivo de estudo e pesquisa sobre as imagens e tem caráter marcadamente interdisciplinar, o que permite troca constante entre experiência clínica, conhecimentos teóricos de psicologia e psiquiatria, antropologia cultural, história, arte, educação.

Com um acervo de mais de 350 mil obras, o Museu tem a maior e mais diferenciada coleção do gênero no mundo. As principais obras são tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Guarda também a biblioteca e o arquivo pessoal de sua fundadora, Nise da Silveira, detentor do Registro Mundial no Programa Memória do Mundo da UNESCO.



Onde fica: Rua Ramiro Magalhães, 521 - Engenho de Dentro, Rio de Janeiro.

Fonte: <http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/#index>; Wikipedia.org



Barbeirinho do Jacarezinho, O Presidente!

Falar de Barbeirinho do Jacarezinho é sempre um prazer, e sempre está permeado pela sua brilhante obra, sambas memoráveis que dificilmente alguém não conheça. Talvez, não saiba que é seu, mas não conhecer um samba de Barbeirinho é tarefa quase impossível.

Pois bem, o pai de “Caviar”, “Comunidade Carente”, “Dona Esponja”, “Sequestraram Minha Sogra” e tantos outros era também o Presidente da GRES. Unidos do Jacarezinho. Barbeiro tinha um amor enorme, e orgulho muito maior do que muita gente pensa da Unidos do Jacarezinho.

Seus últimos anos dedicou-se inteiramente à Escola, assumindo a tarefa difícil de ser o Presidente de uma Escola que não tem os holofotes da Mídia Tradicional, portanto, sem os “patrocínio” das grandes empresas que buscam expor suas marcas, sendo assim, ser o Presidente de uma agremiação que sobrevive com os míseros valores da subvenção que a Prefeitura repassa às Ligas, que somente depois passam às Escolas, ser Presidente de um Carnaval que é Cultura e não espetáculo.

Tudo isto era muito difícil, mas como ouvi dele várias vezes “No final quando eu vejo minha Jacarezinho na Avenida dá uma alegria que supera tudo...” e assim era, perdi as contas das vezes que ele me ligava e pedia pra eu fazer um ofício, levava o papel timbrado da Escola e ele me dizia “É aquilo né, vou levar isso lá no filho da puta, eles roubam a gente, agora eu pelo menos vou arrancar um ônibusinho pra levar o pessoal pra Intendente”, o “FDP” era algum político da Direita que ele tinha que pedir o ônibus.

E não era só com ofícios que o Barbeirinho, Presidente defendia e lutava pela Escola, era o verdadeiro Presidente porque era ele que ia aos barracões das Escolas do Grupo Especial pra pedir sobras de materiais, doações de cola, tinta, carro emprestado e um longo etc...

Um dos fatos mais marcantes e que me motivou escrever este relato todo, foi determinado dia, numa véspera de Carnaval fui à quadra levar uma doação que eu tinha conseguido, era um dia de semana, entono das 18 horas e o Bope tinha invadido à Favela.



Para quem não sabe a quadra da Unidos do Jacarezinho fica numa das entradas do Jacarezinho na Av. Dom Hélder Câmara, assim que cheguei na quadra ele me falou “Porra, Danilo, ia te ligar agora pra tu ir direto, tá um tiroteio do caralho... Os caras tão no Morro.” havia dado uma pausa, e fiquei alguns minutos conversando, e ele me mostrando com todo o encantamento as crianças colando fantasias, ajudando nos adereços e me dizia com um tom de interrogação e indignação sobre a importância da Escola para aquelas crianças não estarem a mercê do tráfico, e como era difícil manter aquilo, já que o Estado como sempre só estava mandando bala pra cima da favela.

Passados alguns minutos, ele me falou “Meu filho, vai embora que o negócio tá meio brabo, que eu só vou esperar esses caras saírem do Morro e vou pra casa também”. Fomos saindo da quadra, quando chegamos à porta ali tive a nítida certeza do Barbeirinho que era Presidente.

Como falei, nesta hora já deveria ser entre 18:30 e 19 horas de um dia de semana, mães e pais de família voltavam do trabalho, alguns com crianças e estourou um novo tiroteio, imediatamente ele me olhou e falou ajuda aqui, abrimos um portão maior da Quadra e começamos a colocar todas as pessoas para dentro, primeiro as mulheres e crianças... E sem qualquer racionalidade, e sim a ação de alguém que tinha responsabilidade pelo que representava, ficou na porta da quadra, e eu fiquei com ele...

Eis que passam soldados do BOPE gritando que tinham deixado cinco mortos dentro da favela, e com seus fuzis olhavam e gritavam isto para as pessoas, na maioria mulheres e crianças que estavam dentro da Quadra, na triste alegoria ainda veio um jovem, negro e descalço carregando um dormente de trilho que obrigado pelos soldados do BOPE chorava e levava aquilo pelas ruas da Avenida Suburbana. Enquanto isto, eu ao lado do Barbeirinho encarávamos aqueles assassinos fardados, Barbeirinho com sua autoridade nata, eu estava voltando do trabalho, portanto, em traje social e propositalmente quando vi a situação deixei parte da corrente do crachá da Câmara Municipal do Rio pra fora...

E no que os soldados iam passando, um voltou e falou com os outros que estavam atrás e parece que avisou que as pessoas estavam dentro da quadra e o Barbeirinho e eu na frente, os únicos para fora do Portão, e as pessoas atrás. Nitidamente eles nos olhavam com um ódio típico dos predadores que se veem frustrados em aniquilar a caça, até quem um nos encarou e disse “O anjo da morte já passou, não se preocupem que na madrugada vai voltar...”.

Eu estava cada vez mais revoltado, tudo isto não deve ter durado mais que 10 minutos. Quando passou, Barbeirinho olhou para mim e disse “São uns filhos da puta, esses desgraçados ainda têm que respeitar a Escola”. Tranquilizou as pessoas, me colocou num ônibus pra Madureira e disse para todo Mundo subir o Morro junto. Esse era o Barbeirinho do Jacarezinho, Presidente!!!

Danilo Firmino



"É que o povo não é convidado!"

Nos arredores da estação de trem de São Cristóvão quase não tem botecos (digo quase porque não sou um conhecedor profundo da região e se dissesse que não há nenhum pé-sujo pelos arredores poderia estar cometendo uma grande injustiça quanto ao querido lugar de um leitor). Uma pena pois gosto de "me aquecer" quando vou visitar um lugar interessante, que era o caso do Museu Nacional.

Já fui muito ao Museu Nacional. Algumas vezes obrigado por conta de algum trabalho da disciplina Tópicos Especiais de Antropologia II, ainda assim era um prazer imenso ir a lugar tão imponente e importante.

Mas, como não me dispunha a procurar o boteco adequado pro meu "aquecimento intelectual" eu parava mesmo num posto de abastecimento qualquer onde vendessem cerveja ou procurava um camelô que tivesse a minha gelada.

Numa dessas paradinhas que conversei um pouco com Salomão, um camarada que trabalhava na empresa responsável pela limpeza do Museu Nacional.

"Eu trabalho muito mesmo é no museu. A gente faz limpeza em outros lugares, mas gosto mesmo é de ficar lá."

Salomão me disse também que "a molecada gosta mesmo é das múmias e dinossauros".

"Sangue (sic), a ala que mais gosto é a de etnologia africana.... deve ser porque sou espírita, aí, sabe como é né... identificação, coisa da cor mesmo. E você?"

Disse a Salomão que gostava de todo o museu, sem preferência por ala ou cultura especificamente.

"Uma pena que se encontra quase vazio todos os dias. Nem no domingo mais vem gente.", observou.

Disse-lhe que era verdade. Foi a deixa pra perguntá-lo qual seria o motivo de ninguém ir mais ao museu?

"É que o povo não é convidado!", ele me respondeu.

Salomão disse uma grande verdade. O povo não era convidado a visitar o Museu Nacional.

Muitos brasileiros talvez nem soubessem das importantes riquezas para a Humanidade que ficavam lá no Museu Nacional. Muitos talvez nem acreditariam se contássemos pois vivem com orgulho seu complexo de vira-lata.

Como disse o próprio Nelson Rodrigues, quem analisou nossa alma brasileira tão profundamente a partir do subúrbio carioca: "Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol."



E é fácil ouvir de brasileiros falando com galhardia: "O Louvre é fabuloso!", ou mesmo, "O MoMA é wonderful!", principalmente os da "elite" financeira (se bem que com o financiamento das viagens ao exterior muitos brasileiros, mesmo os do "povão" já foram ao Louvre ou ao Museu de Arte Moderna de Nova Iorque - MoMA e não pisaram em museus brasileiros).

Mas o que Salomão queria dizer era de uma verdade desconcertante: simplesmente não há política de incentivo à apreciação de arte e cultura no nosso país. Será que não há a percepção dos governantes de que um povo que aprecie sua arte, cultura, ciência, seus modos e costumes tem melhor saúde social?

As tristes cinzas que cobriram parte do subúrbio carioca no dia.... me faz ter certeza que o descaso é o ritmo do réquiem tocado pelos nossos governantes.

Quando vi as imagens pelo celular do incêndio do Museu Nacional, na hora me veio à lembrança o filme Fahrenheit 451, dirigido por François Truffaut nos idos de 1966, a partir de uma adaptação do romance homônimo de Ray Bradbury. Sempre me assusta demasiadamente assistir à queima de cultura humana, seja ela qual for

A caça aos livros em Fahrenheit 451 é uma metáfora das armas utilizadas pelos regimes políticos totalitários (bem, pelo menos na minha humilde visão, diga-se!). Dentre os meios de controle de um estado opressor está, sem dúvida como um dos mais eficientes, a propagação da ignorância entre os oprimidos. A ignorância atua como um anestésico social potente.

Se hoje ainda não há uma proibição de se buscar cultura, arte, ciência, educação, há a falta de "convite". Ninguém "convida o povo". Pelo contrário, há um trabalho intenso de manipulação em torno da propagação da ignorância como meio de "bem viver", "viver de forma leve", "viver sem essas chatices!".

O decreto AI-5 censurava obras de arte, inclusive com direito à queima de livros (olha a coincidência da época: AI-5 é de 1968, o filme de Truffaut de 1966), assim como o fizeram a Inquisição, na Idade Média e o Nazismo.

"Fahrenheit 451 é a melhor temperatura para a queima de livros", diz um personagem do filme, explicando inclusive o título.

Está pra ser lançado em 2018 uma nova versão do filme. Guy Montag (Michael B. Jordan) será o bombeiro cuja principal missão é queimar todos os livros que existem até que não sobre mais nenhum. Uma das falas da nova versão: "Um mínimo de conhecimento é perigoso!" (minha tradução).

E quanto conhecimento perdemos na queima do Museu Nacional: materiais de estudo sobre a História dos indígenas brasileiros, dos negros brasileiros, da realeza brasileira, da cultura dos indígenas sul-americanos. Até o único registro de uma língua indígena brasileira.

Todos muito tristes com o ocorrido.

Estamos todos de luto.

Jonas Hébrio – sociólogo de boteco



Centenário da curiosa cura

Quando estourou o primeiro conflito mundial o Brasil era presidido por Venceslau Brás, governo assolado pelos três grandes G: além da guerra, a gripe espanhola e as greves. Em 1917, o político mineiro adoeceu e teve que se afastar do comando da nação. Uma incômoda ferida na perna intrigava os médicos e dificultava a recuperação, em meio ao turbulento cenário político e social.

Vigorava a política do “café com leite”, com paulistas e mineiros se revezando no poder, sendo exceção o marechal gaúcho Hermes da Fonseca, casado com Nair de Tefé, que abriu os salões para o “corta-jaca” de Chiquinha Gonzaga, censurado por Rui Barbosa, talvez irritado pela derrota nas urnas para o “Dudu Urucubaca”, apelido do militar.

Amigo da Tia Ciata, um policial ligado ao governo resolveu consultar a velha baiana, famosa pelos pagodes em seu quintal, onde os galhos das árvores serviam para chás curadores de ressaca. Tia Ciata preparou um emplastro com suas raízes e entregou ao emissário com as devidas recomendações.

O presidente foi curado, a guerra acabou, a gripe e as greves também, deixando mortos e presos. Coincidência ou não, Venceslau Brás tornou-se o mais longevo de todos os presidentes: faleceu em 1966, aos 98 anos de idade. E o samba, popularizado no famoso quintal da Tia Ciata, se espalhou por todos os cantos, virando a marca registrada do Brasil...

Orlando Oliveira - jornalista



O museu que o descaso destruiu

Dá licença de'u contar
O que todo mundo viu
Foi nas redes sociais
Todo mundo assistiu
A morte de um museu
Que o descaso destruiu

Numa tarde de domingo
Num parque tão varonil
Cheio de vegetação
Beleza de dar fiu-fiu
A fogueira de um museu
Que o descaso destruiu

Tinha muita sapiência
No castelo que ruiu
Cultura, arte e ciência
Como nunca já se viu
No acervo do museu
Que o descaso destruiu

Pedra em forma de ave
Que o indígena pariu
Cultura Chimu, Chancay
Inca, Moche, quem já viu?
Ficava lá no museu
Que o descaso destruiu

Múmia que provoca transe
Dinossauro que existiu
Caixão de Sha- Amun-en-su
Presente de Ismail
Ficava lá no museu
Que o descaso destruiu



De Oxum tinha abebé
Pente de ébano aluiu
Cesto, tambor e caximbo
Arma de faca com fio
Kumbukumbu no museu
Que o descaso destruiu

Boneca dos Karajás
Escudo contra fuzil
Cetro, cinta e pingentes
De penas cor de anil
Tudo embora com o museu
Que o descaso destruiu

Mobília de João VI
Que de Portugal fugiu
Napoleão que o diga
Aquele que o excluiu
Mas fundou nosso museu
Que o descaso destruiu

Ouviram do Ipiranga
Às margens cor de brasil
Um brado tão retumbante
Que em choro se engoliu
Triste sina do museu
Que o descaso destruiu

Marcelo Bizar

Ouçã a gravação da música no link abaixo:



link: <https://www.youtube.com/watch?v=QcoTW8JBypE>

* Notamos que em alguns aparelhos de celular os links não abrem. Isso se deve às versões e questões de ordem técnica. Assim, caso o link não abra: copie e cole no navegador.



O Jogo de Búzios, a Matemática Computacional e o luto pelo Museu Nacional

Todo mundo que estuda, gosta ou faz algo com Matemática deveria amar demais a História. Por vários motivos.

Na escola aprendemos a Matemática construída durante milênios.

A Matemática não é só uma matéria chata que você é obrigado a "decorar" pra "passar de ano". Muito longe disso. Infelizmente sabemos que o descaso do sistema de ensino com a matéria, bem como vários outros motivos que não nos cabe debater agora, faz com que odiemos a matéria.

A Matemática deve sempre ser compreendida através de uma perspectiva social, histórica e até política.

É... isso mesmo! Matemática tem tudo a ver com História e Política.

A Matemática foi criada pelo ser humano por um motivo muito simples: temos problemas que se colocam à nossa frente e precisamos e queremos resolvê-los. E a Matemática foi criada para podermos fazê-lo e da forma mais simples possível.

Entretanto a História nos mostra o quanto de prestígio matemático foi conseguido por meio nem um pouco louváveis.

Toda a Matemática produzida pelos povos antigos da África, China, Babilônia, Mesopotâmia, Egito não é mencionada nos livros escolares, parecendo-nos que o saber matemática teria sido exclusivo dos povos gregos e romanos (europeus), quando na verdade a História nos mostra que diversos conceitos matemáticos eram conhecidos por esses povos muito antes da Grécia Antiga. Esse é um dos lados políticos da Matemática: o da dominação pelo conhecimento (ou pela usurpação do mesmo).

Como a Matemática é política ela tem muito a ver com o poder. E poder tem a ver com dominação. E dominação tem a ver com riqueza. E sabemos muito bem como muitos povos enriqueceram ao longo da História.

A verdade é que os diferentes povos e culturas humanas criaram sua forma de resolver seus problemas: sua Matemática própria. Um legado para a Humanidade.

Os grupos sociais construíram suas maneiras de resolver problemas, manejando através de sua sabedoria os conceitos matemáticos mais refinados.



A Etnomatemática tem estudado e mostrado o quão importantes são as diferenças que ocorrem para a construção da matemática particular e mesmo da Matemática acadêmica.

Imagina só, matemáticos que se interessam por tradição, usos sociais, meios criativos, diferenças culturais... imaginou? São os matemáticos que valorizam a visão matemática e educacional da Etnomatemática. Vamos chamá-los de "etnomatemáticos".

Então, imagina de novo o quanto eles choraram e ficaram tristes quando souberam que o Museu Nacional estava em chamas.

Tudo o que estava no museu tinha um valor imenso. O valor cultural, científico, histórico, social, paleontológico, antropológico e matemático com certeza.

Quanta sabedoria a ser explorada e conhecida tinha naquele museu.

Dizem que uma língua indígena brasileira perdeu seu único registro no incêndio.

Uma língua é composta de signos. Os signos se relacionam resultando em significados linguísticos, que são estudados matematicamente.

Sim, a Etnomatemática se preocupa com línguas, linguagens, símbolos, dizeres, usos e costumes de um povo. E sabemos o quanto dessa riqueza havia no Museu Nacional.

Vamos ficar hoje com um exemplo desta área tão vasta que é a Etnomatemática: a relação entre o Jogo de Búzios e a Matemática da Computação!

O básico de qualquer computador é a única linguagem que ele consegue entender: a binária. Pois é a única adequada a ligado/desligado (passagem de corrente elétrica, ausência de corrente elétrica).

Não há linguagem mais simples e complexa ao mesmo tempo. Complexa simplesmente porque através da linguagem binária podemos construir qualquer informação que exista no Universo. E eu não estou exagerando não, basta olhar pra tudo que é eletrônico ao seu redor.

E o grande milagre o mais fantástico de todos é que tal linguagem tão poderosa é composta de somente dois signos (números): o "0" (zero) e o "1" (um).

Na base tudo o que você vê, ouve, escreve, pinta e borda num computador ou no seu celular temos informação formada a partir de zeros e uns. E ponto!

O resto é Matemática...

Pois o Jogo de Búzios também segue uma lógica binária: "0" (búzio fechado) e "1" (búzio aberto).

Daí você poderia me dizer: "Que exagero o seu, amigo! Só por conta disso quer ver uma relação entre o Jogo de Búzios e a Matemática?"

Mas, não para por aí essa relação, não! Há muito mais debaixo desta aparente simplificação.

O Jogo de Búzios é jogado geralmente com dezesseis búzios, existindo também o feito com quatro somente. Múltiplos de dois, assim como o Byte, que é composto por oito bits que é uma combinação de dois grupos de quatro.



No Brasil as combinações mais usadas no Jogo de Búzios são em número de 256 (que se trata da multiplicação $16 \times 16 = 256$). Já o chamado Rosário de Ifá, como é conhecido o jogo na Nigéria, as combinações podem chegar a 1.024, todos os números múltiplos de uma base binária.

Note que na informática temos a seguinte relação: 1.024 Bytes = 1 Kilobyte. E daí por diante. Sempre por uma base binária, a mesma do Jogo de Búzios.

A base do jogo de búzios é a mesma da informática, assim as correlações entre os búzios jogados e a linguagem binária é evidente e pode nos mostrar caminhos novos para a educação matemática, para a compreensão do jogo divinatório tão antigo. Já foram estudadas algumas relações entre disciplinas matemáticas tais como a Combinatória (que estuda os métodos de contagem) e a Probabilidade (que se preocupa com as previsões utilizando-se de números. Pois é, há uma estreita relação entre adivinhação e Matemática. Tema pra futuras crônicas).

“O Jogo de Búzios é uma espécie de computador?” É?! Talvez... quem sabe? Estamos bons com a Etnomatemática.

Um dos maiores e mais influentes pesquisadores da disciplina é um brasileiro: Ubiratan D'Ambrosio, doutor em matemática e professor universitário nascido em 1932, cientista internacionalmente reconhecido e que até onde sabemos se encontra em atividade.

A Etnomatemática nos alerta para a importância da preservação cultural dos saberes de todos os povos. Toda cultura humana deve ser preservada pois tem sua riqueza. Não há uma cultura menor ou desinteressante.

Olha só os dois exemplos abaixo: os ossos de Lebombo e de Ishango!



Osso de Ishango



Osso de Lebombo

Aparentemente temos alguns pedaços de ossos. Só aparentemente...

O chamado osso de Ishango foi datado como sendo de aproximadamente 19.000 anos antes de Cristo. A investigação no começo achou que poderia ser um simples instrumento para contagem, por conta dos traços talhados no osso. Entretanto, estudos recentes sugerem que os traços talhados divididos em três colunas da ferramenta indicariam uma compreensão da matemática muito além de simples contagem.



Já o osso de Lebombo, descoberto na Suazilândia, deve ter mais ou menos uns 35.000 anos antes de Cristo. Possuindo 29 entalhes feitos no perônio de um babuíno, lembra por demais os bastões-calendários ainda usados na Namíbia. Novamente sabe-se que seu uso vai muito além de simples contagem. Alguns cientistas cogitando que mediriam os ciclos lunares (importante para muitas coisas, inclusive o ciclo menstrual feminino).

E tem mais: o osso de Lebombo é o mais antigo artefato matemático conhecido no planeta Terra.

Facilmente se vê o quanto a Etnomatemática é importante tanto para a História e a Paleontologia, quanto para a Matemática e para a autoestima de muitos que aprendem o quanto seus ancestrais eram inteligentes e todo o legado que eles deixaram para a Humanidade.

Terminamos de forma triste. Todos nós estamos em luto profundo pelo ocorrido com nosso querido Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Herald Costa - um amante da Matemática

Sarau



Subúrbio

Subúrbio interativo

- **TIZIU QUER SABER...** entre no nosso site e responda a enquete que o Tiziu preparou pra gente, vai lá! Responda para o Tiziu no link abaixo. Caso não abra o link: copie o mesmo e cole no seu navegador e vai lá dar o seu recado! O Tiziu quer muito saber!

link:<https://goo.gl/forms/HxVpwcCUdxOPSgJM2>

- Equívocos acontecem...

A cantora e compositora Elaine Morgado nos mandou uma mensagem dizendo que houve um equívoco da nossa parte no último Discoteca Suburbana (o da quinta edição!). O nome do **CD de Elaine Morgado é COMPASSO DA VIDA** e não o que antes havíamos informado! Agradecemos!

* Notamos que em alguns aparelhos de celular os links não abrem. Isso se deve às versões e questões de ordem técnica. Assim, caso o link não abra: copie e cole no navegador.



Subúrbio interativo

Agradecemos o contato do professor Rafael Mattoso. Desejamos muito sucesso.

A Revista Sarau Subúrbio o parabeniza pela iniciativa.

**VENHA DECOLAR
NESSA VIAGEM,
SOBRE A HISTÓRIA
DO SUBÚRBIO
A PARTIR DE MADUREIRA**

CURSO GRATUITO
VAGAS LIMITADAS

CURSO
1º módulo
História de Madureira

DIAS
A PARTIR DO DIA 30/09
Aula presencial
de 10h às 12h
Aula externa
todo 1º domingo do mês
às 8h

COORDENAÇÃO
Profº Rafael Mattoso

INSCRIÇÕES
inscricoes@unaproducoes.com.br

LOCAL
Nave do Conhecimento Madureira

REALIZAÇÃO
UNAPRODUÇÕES

APOIO
NOVO cinema

NAVE DO CONHECIMENTO



BLOG DO TIZIU



Dois voos tristes

Ouvi a proposta do meu amigo Marco Trindade e resolvi voar em outros lugares do subúrbio que até então não tinha circulado.

Ele me disse que certamente eu gostaria muito de conhecer a Quinta da Boa Vista, lugar muito bonito e aprazível, localizado no subúrbio carioca, no bairro de São Cristóvão.

E lá fui eu conhecer mais um bairro do subúrbio do Rio de Janeiro.

Lindo demais o parque. É um complexo paisagístico de valor histórico e intelectual inestimáveis.

Planei muito em volta do parque e pude ver a beleza do palácio em estilo neoclássico onde ficava o Museu Nacional de Arqueologia e Antropologia no Paço da Imperial Quinta de São Cristóvão. Já tendo sido chamado de Paço de São Cristóvão (1803-1809), Palácio Real (1810-1821), Palácio Imperial (1822-1889) e atualmente também como Palácio de São Cristóvão o lugar mantinha sua grandiosidade. [

Sabia eu todos esses detalhes porque fiz questão de ler sobre o lugar antes de conhecê-lo: livros, revistas e nas nuvens também.

Pude ver também o Jardim Zoológico....

Aí fiquei triste, muito triste, porque os animais deveriam viver livres onde nasceram. Até entendo quando é pra alimentação: eu mesmo como insetos que dão bobeira, mas um zoológico não é o caso.

Lembrei-me que quase já fui fígado por um camarada que queria me colocar numa gaiola, ora vejam vocês!

Eu todo prosa voando e cantando por aí e um mané qualquer tenta tirar minha liberdade me colocando numa pequena gaiola, coisa mais irracional.

E mesquinha também porque fazem isso para desfrutarem do meu canto.

Vou logo avisando, se alguém me prender um dia não é canto que vai ouvir não. Serão xingamentos e maldições da pior espécie.

Ficarei noite e dia amaldiçoando com meu canto de morte quem me prendeu numa gaiola. O otário vai ficar pensando que eu estou cantando pra ele, que estou feliz em estar naquele cubículo que ele me colocou, mas não: eu sou o Tiziu, não sou de abaixar minhas penas. E tenho dito!

Tanta coisa importante no Museu Nacional. Tanta paisagem bonita na Quinta da Boa Vista.

Lugar pra descansar, relaxar e fazer atividades com a família e os amigos.

Alguns pássaros amigos cantavam nas árvores, que bonito.

Eu mesmo acabei parando numa frondosa amendoeira para fazer um lanchinho e cantar um pouco naquele domingo tão bonito.



Mas, de repente meu passeio virou desespero. Percebi que algo ruim estava acontecendo. Parecia fumaça. Sim, era fumaça, muita fumaça. E tinha fuligem também.

Nossa, se meus olhos não tivessem visto talvez eu não acreditasse: o Museu Nacional estava pegando fogo.

Que tristeza! Logo no domingo que resolvo conhecer o Parque da Quinta da Boa Vista sou forçado a ver um espetáculo tão triste quanto o incêndio do Museu Nacional.

Tinha que sair dali. A fumaça estava me tonteando.

Voei então pros lados do Maracanã. Voei até ficar bem distante de toda aquela tristeza.

Foi quando resolvi parar um pouco pra descansar e acabei indo parar em cima de um prédio residencial.

Tinha uma pilha de jornais ali jogados pra serem jogados no lixo e resolvi dar uma lidinha. Fazia tempo que não lia um jornalzinho. Gostava tanto! Com a Internet parei um pouco de ler jornais, uma pena!

Mas, antes não tivesse visto os jornais. Segundo voo triste naquele dia. A grande escritora Conceição Evaristo não tinha sido escolhido para a Academia Brasileira de Letras.

Com toda certeza aqueles que não escolheram a grande poetisa Conceição Evaristo para fazer parte da casa literária são as mesmas pessoas que gostam de prender pássaros em gaiolas. Não conhecem a beleza em sua manifestação natural, acham que o belo é o que fica acomodado, engaiolado, cercado, formatado.

Foi um domingo de dois voos tristes e um aprendizado: o ser humano tem diante de si tanta coisa bela pra ser feliz mas, por interesses muitas vezes inconfessáveis, escolhem a tristeza. Vai entender como esse povo é racional?

Tiziu